

**FONTES LITERÁRIAS PARA OS ESTUDOS DE HISTÓRIA AMBIENTAL: UMA
ANÁLISE DA OBRA VIDAS SECAS**

CATARINA DE OLIVEIRA BURITI*

ERIVALDO MOREIRA BARBOSA**

INTRODUÇÃO

Este estudo foi realizado com o objetivo de analisar a forma pela qual os elementos naturais estiveram presentes na construção do devir histórico dos homens e mulheres que viveram no Semiárido brasileiro na década de 1930, mediante a percepção e as escolhas criativas do escritor Graciliano Ramos impressas na obra *Vidas Secas*. Publicado no ano de 1938, o referido romance esboça o momento em que Fabiano, personagem que representa a figura de um vaqueiro típico da região, migrava com a família durante uma estiagem prolongada e depois se fixaria em uma fazenda, onde viveria um breve interstício de “inverno”¹. O narrador de *Vidas Secas* situa o período das chuvas entre dois momentos de estiagens: no início do romance, quando os migrantes chegaram à fazenda, “famintos” e “cansados”, depois de enfrentarem um longo período de estiagem; e em seu desfecho, quando fugiram de lá ao constatarem que a estiagem em breve estaria de volta (RAMOS, 1995).

A descrição destas cenas é portadora de imagens e significados que as personagens atribuíam ao Semiárido brasileiro, em particular, no que diz respeito aos períodos de estiagens ou de chuvas na região. Mediante a percepção de Graciliano Ramos, esta obra literária configura aspectos do imaginário social² da época em que foi escrita, ao esboçar o modo como *poderia ter sido* o cotidiano de uma família do Semiárido brasileiro em diferentes

* Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Doutoranda em Recursos Naturais.

** Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Doutor em Recursos Naturais e Pós-doutor em Educação.

¹ Ao utilizarmos o termo inverno entre aspas levamos em conta que embora a maioria considere o período das chuvas no Semiárido como correspondendo a esta estação, na realidade, o período chuvoso na região ocorre durante o verão. Cf. AB’SÁBER, 2003.

² Por imaginário social, entendemos, com base na concepção elaborada por Baczko (op. cit.:311), um esquema de interpretação, e também de valorização, “que suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos de sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos a acção comum”. Assim, em se tratando de literatura, considera-se que na relação dialógica entre as práticas do mundo social e a construção das narrativas reside a mediação do dispositivo imaginário que fornece ao autor as balizas e os limites da sua criação (GOMES, 2008:49).

contextos naturais e climáticos. A chuva é abordada na obra principalmente em seu capítulo central, intitulado “Inverno”³, e uma leitura atenta nos faz perceber que a estiagem aparece na vida daqueles personagens muito mais como um lugar de memória⁴, através das lembranças, temores e recordações do passado, do que propriamente em suas experiências cotidianas.

A centralidade que o tema das chuvas recebe em uma obra literária dos anos 1930, como ocorre em *Vidas Secas*, figura como bastante peculiar se consideramos que parte da historiografia que se debruçou sobre o estudo do Nordeste, frequentemente, utilizou-se das imagens esboçadas pelos literatos daquela década, o chamado romance regionalista, para corroborar em seus trabalhos a ideia de que as representações desta região se limitaram a narrar a seca e suas imagens de “dramaticidade”. Na época em que *Vidas Secas* foi escrita, o Semiárido brasileiro era considerado como a “região-problema” do País pela imprensa e pelos discursos dos representantes políticos regionais propalados no Parlamento e/ou na Imprensa, instituindo a ideia de que este espaço era “castigado” pelo “flagelo da seca”, supostamente responsável por trazer sofrimento, miséria e morte para as populações (ARANHA, 2006). Muitas destas representações foram temas de obras literárias da época, entretanto, cada romancista representou a região semiárida de forma particular, o que foge a quaisquer tentativas de generalizações ao efetuarmos sua leitura.

Neste sentido, inicialmente, consideramos pertinente lançar algumas questões norteadoras da presente investigação: De quais significações o Semiárido foi revestido em *Vidas Secas*? Que práticas sociais e políticas foram associadas pelos personagens da obra em torno destas significações da Natureza? De que forma sociedade e Natureza interagiram na construção do devir histórico e da cultura no Semiárido da época, conforme as representações configuradas no romance? A obra literária mantém vínculos com o mundo vivido, com a experiência temporal dos homens e mulheres do Semiárido da época em que foi escrita? Quais os limites e as potencialidades que uma obra literária se presta para o estudo das percepções dos segmentos sociais em relação ao ambiente natural com o qual interagem?

³ *Vidas Secas* é composta por 13 capítulos, sendo que “Inverno” intitula o sétimo capítulo, ou seja, está situado no centro da obra e aborda o cenário de chuvas na Caatinga.

⁴ Sobre a noção de lugares de memória, Cf. NORA, 1981:7-28. Consultar também LE GOFF, 1994. E ainda: Idem, 1984:11-47.

1.

H

ISTÓRIA, MEIO AMBIENTE E LITERATURA: ENTRECruzAMENTOS

A nossa primeira tarefa versa sobre a crítica em torno da utilização de uma fonte literária para realizar uma análise de caráter histórico-ambiental. Em se tratando dos usos da literatura para a construção de uma narrativa histórica, compartilhamos com a ideia de que cada literato teceu sua trama de acordo com o contexto e o momento em que ela foi produzida, com a intencionalidade que buscava atingir quando a elaborou, com a subjetividade e o estilo que lhe são próprios, dentre outros aspectos (GINZBURG, 2007:10-11; 82). Como afirma Eco (1994:89; 91; 100; 131), não há literatura sem vínculos com o mundo real, visto que o escritor se vale de elementos e experiências das vivências efetivas dos homens e mulheres para compor a sua narrativa, razão pela qual o leitor precisa adotar seu conhecimento do mundo social como pano de fundo para a interpretação da obra. Outro autor com o qual dialogamos é Todorov (2009:88), o qual reafirma uma concepção de literatura que permita “uma melhor compreensão humana e transforma o ser de cada um dos seus leitores a partir de seu interior”; uma obra literária possui tal potencial que é capaz de contribuir para uma percepção mais perspicaz da vida humana e de provocar transformações sociais.

Na busca de entrecruzar e transcender as fronteiras da história, da Natureza e da ficção, percebemos as potencialidades oferecidas por uma fonte literária que se presta a uma leitura historiográfica voltada para problematizar o modo pelo qual o homem se relacionou com o ambiente em um período histórico específico. Constatamos que a literatura pode ser capaz não apenas de problematizar formas específicas de relação do homem com a Natureza, mas também de suscitar reflexões a respeito do modo como os próprios seres humanos de determinada sociedade se relacionavam entre si, relações estas mediadas, muitas vezes, pelo mandonismo, dominação, hierarquização, subordinação, pobreza e corrupção, entre outros aspectos, como é o caso das representações configuradas na obra *Vidas Secas*. O diálogo com a crítica literária nos permitiu considerar a literatura como uma modalidade específica de leitura do mundo, de modo que foge a quaisquer tentativas de generalizações.

Neste sentido, no que diz respeito à análise do romance *Vidas Secas*, entendemos que não se deve estudá-lo como parte de um conjunto, de um bloco, generalizá-lo, ao lado de outros, tão somente por também tratar do Semiárido e ter sido escrito por mais um literato regionalista dos anos 1930. O universo interno de cada obra literária publicada nesta década

configurou visões e intencionalidades específicas a respeito dos temas e questões elaborados sobre o Semiárido. Deste modo, ao longo desta pesquisa, procuramos nos apoiar, antes de tudo, no enfrentamento de um texto literário, orientar a escrita buscando não correr o risco de partir de generalizações diante das quais a obra pudesse aparecer como mero exemplo (BUENO, 2006).

Para a construção deste trabalho, as indagações feitas à fonte literária a qual recorreremos tiveram como preocupação de fundo o estudo das inter-relações entre sociedade e Natureza no Semiárido brasileiro. De acordo com Ribeiro (2005:15), as interações entre o ser humano e o ambiente estabelecidas em determinada configuração histórica constituíram-se como necessariamente plurais e, em grande parte, contraditórias. Isso porque, na visão deste autor, as sociedades e as Naturezas variam no espaço e no tempo e, desta forma, as relações entre ambas também tendem a ser múltiplas e plurais.

Sobre isto, Simon Schama, em crítica aos historiadores ambientais dos Estados Unidos, demonstra que durante muito tempo os mesmos se detiveram ao estudo somente das práticas humanas de destruição da Natureza. Assinala a necessidade de considerar que, ao longo da história, estabeleceram-se práticas culturais múltiplas de interação do homem com a Natureza que não consistiram apenas em devastá-la. Estudando a relação entre um conjunto de paisagens de diferentes momentos da história europeia representadas em diversas obras artísticas, Schama (1996:17) demonstra como a Natureza e a percepção humana são indissociáveis e escava no tempo, através da memória, as riquezas e complexidades da tradição paisagística inscritas em determinados momentos históricos, propondo modos alternativos de percepção da paisagem.

A sociedade do Semiárido brasileiro também instituiu significações imaginárias ou visões diferenciadas sobre a Natureza ao longo do tempo. Embora diversos estereótipos tenham sido historicamente consolidados em torno da região, em geral, enfatizando somente as limitações impostas pelo clima, é necessário buscar, assim como o fez Schama, as imagens e representações das suas riquezas e potencialidades ocultas sob as camadas de significações sedimentadas na memória regional. Segundo Arruda (2008:156), a principal tarefa da história ambiental consiste em buscar as permanências e mudanças significativas ocorridas nas intervenções da sociedade sobre o ambiente, estratégia que nos permite compreender o

significado da Natureza na história humana e delinear as diversas temporalidades de intervenção técnica no natural. De acordo com as percepções dos sujeitos sobre o significado do meio ambiente e de seus fenômenos é que se constituíram práticas culturais em determinada configuração sócio-histórica. Nesta perspectiva, entendemos que Graciliano Ramos, à época da escritura de *Vidas Secas*, estabeleceu representações específicas em relação às estiagens, ao “inverno”, à terra, à fauna, à flora, etc.

Donald Worster (1991:5) delimita três níveis de questões que a história ambiental enfrenta: o primeiro trata do entendimento da Natureza propriamente dita, tal como se organizou e funcionou no passado; o segundo nível introduz o domínio socioeconômico na medida em que este interage com o ambiente, preocupando-se com as ferramentas e o aparato técnico disponível, com as relações sociais que brotam do trabalho, com os diversos modos criados pelos povos para produzir bens a partir de recursos naturais; por fim, formando uma terceira vertente de análise para o historiador, vem aquele tipo de interação mais intangível e exclusivamente humano, puramente mental ou intelectual, no qual imaginários, percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a Natureza.

Lançando mão desta proposta teórico-metodológica, buscamos identificar quais os significados expressos na obra *Vidas Secas* em relação ao Semiárido que remetem à forma como este ambiente foi imaginado e apropriado culturalmente pelos sujeitos sociais e pelos projetos políticos durante a década de 1930, detectando, assim, uma forma específica e histórica de concepção deste extrato biogeofísico e de intervenção cultural feitas sobre o ambiente. Vale dizer que em razão de o presente trabalho se fundamentar na análise das representações e metáforas configuradas em uma obra literária que versa sobre o Semiárido brasileiro, o que estamos considerando como um terceiro conjunto de questões da história ambiental, partimos do campo das imagens e representações para podermos chegar ao estudo do extrato natural semiárido, a saber, ao primeiro nível de análise proposto por Worster. É bom lembrar que, como ressalta este autor, embora possamos, para efeito de clareza, distinguir estes três níveis de estudo da história ambiental, eles constituem uma investigação única e dinâmica, na qual Natureza, organização social e econômica, pensamento e desejo são tratados como um todo que muda conforme as dinâmicas das sociedades e das naturezas, numa dialética que atravessa o passado e chega até o presente.

Diante do exposto, cabe agora entrecruzar as peculiaridades da literatura enquanto fonte histórica com a história ambiental, campo de pesquisa no qual este trabalho se insere. Neste caso, levamos em conta as virtualidades imagéticas inerentes à criação literária como possivelmente capazes de contribuir, talvez de forma mais abrangente que outras formas de conhecimento – científico, filosófico ou mesmo político (SCARPELLI, 2007:199) – para a tradução de outros possíveis do homem (CASTORIADIS, 1982:197) ou de diferentes maneiras de significar e de se relacionar com o mundo natural. Isso porque as obras literárias possuem uma perspectiva diferencial de conferir olhares multifacetados capazes de dar materialidade e visibilidade a diversas possibilidades de interação do homem com ambientes naturais específicos. Nesta visão, a literatura consiste em uma modalidade específica de leitura do mundo, mais abrangente que as demais formas de conhecimento em razão da capacidade que possui de antecipar situações e acontecimentos através do imaginário. Além disto, também é capaz de suscitar reflexões a respeito do modo como os próprios seres humanos de determinada sociedade se relacionavam entre si, relações estas mediadas, muitas vezes, pelo mandonismo, dominação, hierarquização, subordinação, pobreza e corrupção, entre outros aspectos, como é o caso das representações configuradas na obra *Vidas Secas*.

2. O SEMIÁRIDO BRASILEIRO NA OBRA VIDAS SECAS

Apropriando-nos do conceito de imaginário social proposto por Baczko (1985), Le Goff (1992) e Castoriadis (1982; 1987), consideramos que as imagens e valores instituídos por uma determinada configuração sócio-histórica em relação ao ambiente com o qual interagia são capazes de delimitar identidades e mobilizar atitudes e comportamentos por parte dos diversos atores sociais. Em outras palavras, a forma como os diversos segmentos de uma sociedade se apropriaram da Natureza em um dado momento histórico dependeu, em larga medida, do modo como a imaginaram ou lhe atribuíram sentidos. Nesta concepção, evidenciamos que o romance *Vidas Secas* delimitou uma forma peculiar de representar o Semiárido brasileiro. Esta representação não se limita apenas à construção das imagens de estiagens, mas conforme vimos, a maior parte da narrativa relata a experiência da família durante o período chuvoso. Embora a estiagem com as suas consequências sejam abordadas

de forma dramática no início e no final da obra, o enfoque principal do narrador consistiu em relatar como se tecia o cotidiano dos personagens daquele lugar durante o “inverno”.

Fabiano chegara àquela fazenda em fins de uma longa estiagem, teceu sonhos de ser o “dono daquele mundo” e vislumbrou que seriam “todos felizes” com a chegada do “inverno”, viveriam com saúde, com fartura e a “fazenda renasceria” (RAMOS, op. cit.:16). Todavia, as chuvas vieram e com ela também o proprietário da fazenda, sob o domínio do qual o vaqueiro passou a viver, segundo o narrador de *Vidas Secas*, sendo humilhado, enganado, animalizado. Apesar disto, estava “satisfeito”, chovia na região e por isto ele “estava contente e esfregava as mãos” (Ibidem:67), até parecia que aquela situação que vivenciou no passado tinha-lhe esmorecido no espírito. Mas, de repente, as aves de arribação, percebidas por Fabiano como “excomungadas”, “pestes”, “miseráveis” desceram ao “sertão” para anunciar-lhe “desgraças”, que a estiagem em breve chegaria e seria necessário “fugir de novo, aboletar-se noutra lugar, recomeçar a vida” (Ibidem:110).

Ao procurarmos detectar o papel que a Natureza exercia na cultura do Semiárido brasileiro e os sentidos dos quais os fenômenos naturais foram revestidos no interior deste sistema histórico de significação, percebemos que as chuvas não ocuparam centralidade apenas na estrutura do romance, mas também na vida dos sujeitos sociais efetivos que esperavam com ansiedade a chegada dos tempos de “inverno”. Diante da supervalorização do período chuvoso e das conotações negativas que a estiagem recebia nesta sociedade, práticas culturais distintas foram forjadas em interação com estes fenômenos naturais: durante as estiagens, o homem da Caatinga, diante da situação de extrema escassez e da falta de alternativas para viver neste espaço, optava por migrar com a família em busca de melhores condições de subsistência, como ocorreu com o vaqueiro Fabiano, mesmo apegado à terra semiárida. Durante o “inverno”, contudo, parecia que os tempos de “pesadelo”, de “terror”, de “medo” e de “perigo” que as estiagens representavam faziam parte de um passado distante para os personagens de *Vidas Secas*, que com a chegada das chuvas, alegravam-se e arquitetavam novos projetos de felicidade, com o objetivo de permanecerem ligados àquela terra. E isso, segundo o narrador do romance, a despeito destes personagens perceberem que as relações sociais tensivas marcadas pelas humilhações e submissão ainda persistiam.

Graciliano Ramos demonstrou através da estruturação da obra *Vidas Secas* que as humilhações e os sentimentos de submissão que marcavam o cotidiano dos homens e

mulheres que viviam no Semiárido sob os mandos dos latifundiários, existiam não apenas nos períodos de estiagens, mas também permaneciam durante o “inverno”. As práticas culturais mobilizadas por estes segmentos sociais pobres do meio rural, como era o caso da família do vaqueiro Fabiano, tendiam a variar de acordo com a estação da Natureza e com a conotação e o imaginário que cada uma delas recebia por parte destes sujeitos. Ou seja, durante as estiagens, o Semiárido era percebido como um “cemitério”, metáfora da morte ocasionada pela fome, sede, cansaço e doenças, assim como era sinônimo da “desgraça” e da “destruição”, enquanto que, durante o “inverno”, predominavam no cotidiano dos personagens a alegria, a esperança, a fartura, a ideia de fixação à terra e a relativa estabilidade. Não obstante, mesmo as relações sociais tensivas permanecendo durante o período chuvoso, Fabiano demonstrava satisfação em viver naquela terra.

Os sertanejos continuavam vivendo sob as mesmas condições de dependência e vulnerabilidade em relação à Natureza. Vejamos na passagem a seguir o contraste entre os períodos de estiagem e a estação chuvosa no Semiárido, descritos em *Vidas Secas*:

E Fabiano esfregava as mãos. Não havia o perigo da seca imediata, que *aterrorizara* a família durante meses. A catinga amarelecera, avermelhara-se, o gado principiara a emagrecer e horríveis *visões de pesadelo* tinham agitado o sono das pessoas. De repente um traço ligeiro rasgara o céu para os lados da cabeceira do rio, outros surgiram mais claros, o trovão roncara perto, na escuridão da meia-noite rolaram nuvens cor de sangue. [Grifos nossos] (Ibidem, p. 65).

Embora a estiagem seja uma característica específica ao bioma Caatinga, a conotação que este fenômeno recebe, sob a percepção dos personagens de *Vidas Secas*, é a de um “pesadelo”, um “terror”, um “perigo”, o que enfatiza uma relação tensiva entre as dimensões social e natural, marcada pelo risco e pelo medo. A voz narrativa do romance situa a vida daquela família como dependente das condições naturais, de modo que, nos períodos de prolongadas estiagens, parecia haver apenas lutas e embates entre homem e Natureza, não havendo espaço para a contemplação subjetiva do ambiente, para a apreciação estética pelo valor intrínseco que o mundo natural poderia representar para o ser humano, mas com ela se estabelecia apenas uma luta utilitária, um embate visando a sobrevivência. A narrativa de Graciliano deixa entrever que as chuvas, ao caírem sobre as terras semiáridas, abrandavam os temores e as angústias daqueles sujeitos, faziam renascer esperanças, florescer novos sonhos e

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

projetos de felicidade. Desta vez, o homem aplaudia ao espetáculo da Natureza que se apresentava à sua porta, apreciando o desabrochar de seus novos sons, ritmos e cores.

A vida humana é resultado de sua permanente relação com forças do mundo natural cujas dinâmicas independem da ação dos sujeitos sociais. Por esta razão, não há como ignorar a presença da Natureza na construção da história das diversas culturas. No caso do Semiárido brasileiro, não há como construir histórias sobre a região de forma desvincilhada das especificidades de seu ambiente, traduzidas, por conseguinte, em uma cultura também particular. É preciso levar em conta que a economia, a cultura, a memória, o modo de vida dos diversos indivíduos e grupos sociais estiveram relacionados com o ambiente vivido ou são resultado da interação daqueles com as condições ecológicas de cada lugar. Em outras palavras, as culturas se desenvolvem com características específicas, ao menos em uma série de aspectos relevantes, ao ambiente natural com o qual elas interagem. Conforme ressalta Pádua (2009:126), a vida social e cultural dos seres humanos, a definir seus vínculos e identidades, desenvolve-se em espaços ambientais concretos e específicos, dotados de determinadas características ecológicas, ocorrendo uma simbiose necessária entre a realidade biofísica e a condição humana. Natureza e cultura interagem de modo que ambas exercem o papel de agentes históricos com dinâmicas próprias.

Nesta direção, entende-se que fazer uma interpretação ecológica da história significa, antes de tudo, considerar o papel do ambiente na formação da sociedade; refletir sobre a forma como a Natureza age na moldagem da vida humana, tratar do lugar e da função que ela exerce na configuração das culturas. É o que busca a história ambiental ao rejeitar a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais e de que o homem é capaz de controlar o ambiente ao seu bel prazer (WORSTER, op. cit.). Por outro lado, necessário se faz pensar também na forma como as sociedades humanas transformaram o mundo natural, agindo na construção da paisagem. Neste ponto, a ideia de dualidade entre cultura e Natureza já não parece capaz de dar conta da complexidade das inter-relações levadas a efeito por sujeitos sociais e ambientes particulares em momentos historicamente circunscritos. Isto porque o conceito de paisagem tem como principal fundamento a ideia de que ambiente e cultura não se constituem enquanto duas dimensões opostas, mas atuam como agentes históricos sob uma relação de simbiose, de modo que a noção está relacionada com o modo como o homem atribui significados culturais a aspectos do mundo natural.

Em *Vidas Secas*, podemos detectar o papel do ambiente na vida humana por meio da análise do modo como a experiência dos grupos sociais representados nesta obra é limitada pelos surpreendentes fenômenos naturais que fazem parte da dinâmica ou das condições específicas à Caatinga. Através da narrativa, observamos, por exemplo, que diante do “despotismo da água” ocasionado pela chegada das chuvas, sinha Vitória temia o risco de que a pequena casa da fazenda onde morava fosse invadida pelas crescentes inundações.

Suspirava atizando o fogo com o cabo da quenga de coco. (*sic*). Deus não permitiria que sucedesse tal desgraça.

– An!

A casa era forte.

– An!

Os esteios de aroeira estavam bem fincados no chão duro. Se o rio chegasse ali, derrubaria apenas os torrões que formavam o enchimento das paredes de taipa. Deus protegeria a família (RAMOS, op. cit.:66).

O trecho acima deixa entrever que, em todos os momentos, a vida humana está sendo influenciada por processos naturais que independem, em larga medida, de seus desejos e vontades, seja durante os períodos de estiagens, seja nas épocas em que ocorriam as enchentes provocadas pelas chamadas chuvas torrenciais no Semiárido. Os fragmentos de verossimilhança expressos na obra nos levam a refletir sobre o quanto o cotidiano dos sujeitos que viveram no Semiárido dos anos 1930 foi afetado pela Natureza, de modo que o exame das configurações políticas, sociais, econômicas e culturais não seria suficiente para iluminar a complexidade dos problemas que enfrentavam. Daí a razão pela qual os estudos sobre o ambiente entram em cena no sentido de permitir que ampliemos a perspectiva da história de modo a incluir aspectos mais fundamentais que atuaram como agentes no tempo.

De acordo com Worster (op. cit.:2), o objetivo principal da história ambiental consiste na busca de “aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados”. Conforme vimos, em *Vidas Secas*, as enchentes causavam insegurança e incerteza a sinha Vitória que temia as surpresas ou “desgraças” provocadas pela Natureza. Daí os motivos pelos quais a forma que a esposa de Fabiano encontrava para buscar auxílio era recorrer às forças sobrenaturais, talvez, em sua visão, as únicas capazes de dominar a fúria de determinadas ações do mundo natural. Desta maneira, é importante perceber como os fenômenos provocados pela dinâmica da Natureza exerciam influências tão poderosas na vida dos indivíduos, de modo que a única perspectiva que parecia restar à

personagem do romance era acreditar em uma força exterior supostamente capaz de colocar limites à complexidade das energias naturais, haja vista que as mesmas pareciam exceder toda a capacidade e o entendimento humanos de controlar o ambiente.

Embora reconheçamos os limites da dualidade entre homem e Natureza, já que ambos atuam de forma imbricada ou sob uma relação de simbiose – o homem atuando como ser cultural e biológico e o ambiente como entidade natural e humanizada – na análise acima, traçamos essa divisão entre sociedade e mundo natural e as suas mútuas e múltiplas influências apenas para fins didáticos, mas não perdendo de vista, evidentemente, que cultura e ambiente atuam como coatores da história e não se constituem em dois sistemas opostos.

Ressaltamos que não compartilhamos da crença no papel decisivo da Natureza sobre o desenvolvimento social que produziu os determinismos geográfico e biológico do século XIX, tampouco da noção de que as sociedades que estudamos não tenham bases naturais, vínculos com a região ecológica na qual ela se configurou. A cultura e a sociedade semiáridas dos anos 1930 foram, de algum modo, limitadas ou condicionadas por fatores naturais, exercendo também, por seu turno, intervenções sobre este meio. Em suma, procuramos examinar, através deste trabalho, os processos de influência mútua entre as sociedades e os seus quadros de recursos e condições naturais, situando ambiente e sociedade como agentes ativos e dinâmicos na história e não como estruturas estanques, fixas ou homogêneas.

Segundo Lobato Martins (2007:22; 34), a história ambiental tem como objetivo conferir às “forças da natureza” o estatuto de agente condicionador ou modificador da cultura, atribuir aos componentes naturais a capacidade de influir significativamente sobre os rumos da história. Neste sentido, os eventos ecológicos são indissociáveis dos processos sociais, e são, em última análise, históricos. Desta forma, cultura e Natureza se entrelaçam em um movimento dialético de trocas recíprocas, de modo que ambas, nas dinâmicas que lhes são próprias, mergulham nos contraditórios, ambíguos e descontínuos cursos da história.

É possível associar esta visão à análise dos períodos de estiagens ou mesmo das grandes enchentes no Semiárido, configurados em *Vidas Secas*. Para além de certas visões que exacerbam uma suposta superioridade incontestada do homem frente à Natureza, como se estes fossem imunes ao meio físico ou simplesmente estivessem acima dele, nesta obra, o mundo natural parece figurar como algo poderoso e exterior ao domínio e às vontades humanas:

A ventania arrancara sucupiras e imburanas, houvera relâmpagos em demasia – e sinha Vitória se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas, enrolando-se nas cobertas. Mas aquela *brutalidade* findara de chofre, a chuva caíra, a cabeça da cheia aparecera arrastando troncos e animais mortos. A água tinha subido, alcançado a ladeira, estava com *vontade* de chegar aos juazeiros do fim do pátio. Sinha Vitória andava *amedrontada*. Seria possível que a água toposse os juazeiros? Se isto acontecesse, a casa seria invadida, os moradores teriam de subir o morro, viver uns dias no morro, como preás. [Grifos nossos] (RAMOS, op. cit.:65)

Este fragmento literário narra o episódio das inundações no Semiárido, acompanhadas por fenômenos naturais como ventanias, relâmpagos, chuvas fortes e cheias do rio, cujas dinâmicas são metaforicamente representadas no romance como “vontades”, figura de linguagem que demonstra o quanto o homem temia a essas manifestações da Natureza por parecerem fugir ao seu controle. O movimento das enchentes figurava aos olhos de sinha Vitória como algo brutal, violento, furioso, avassalador. Segundo a narrativa, “o barulho do rio era como um trovão distante” (Ibidem:63) que sinha Vitória hesitava em escutar. “Sinha Vitória moveu o abano com força para não ouvir o barulho do rio, que se aproximava. Seria que ele estava com *intenção de progredir*? O abano zumbia, e o rumor da enchente era um sopro, um sopro que esmorecia para lá dos juazeiros” [Grifos nossos] (Ibidem, p. 66).

Nota-se que o rio sertanejo é percebido pela personagem de *Vidas Secas* como portador de sentimentos e comportamentos que parecem humanos. À proporção em que as chuvas se intensificavam, as cheias aumentavam e, com temor, sinha Vitória pensava na possibilidade de que elas invadissem a casa onde morava com a família. Desta forma, segundo a narrativa, os sujeitos sociais procuravam decifrar os segredos que o mundo natural lhes reservava, representando-o como um cenário criativo, cuja dinâmica, por vezes, surpreendia-os, causando-lhes medo e imprimindo marcas indelévels em suas memórias.

Ao abstrairmos – apenas para efeitos de análise e de forma alguma tentando algum tipo de reflexão dualista – os referidos fenômenos naturais que afetavam a vida dos indivíduos na obra ficcional, devemos antes de tudo animar a Natureza como produtora de sua própria trajetória, valorizando-a como agente criativa e como personagem ou protagonista da história (SOFFIATI, 2008:17; 21). Deste modo, as enchentes ou mesmo o fenômeno da estiagem resultavam do movimento da Natureza, cujas manifestações não são fixas, imutáveis, definidas, estáveis, passivas. Ao contrário, encontra-se em constante transformação, modificando-se de maneira intensa e surpreendente, aspecto que torna imperioso o

reconhecimento da sua presença ativa na história das sociedades, sendo a ação destas últimas igualmente entendidas como dinâmicas e criativas na construção do devir histórico.

Nesta concepção, em se tratando ora dos períodos de secas, ora dos de chuvas regulares no Semiárido, procuramos destacar o modo como estes fenômenos naturais afetavam significativamente o ritmo da vida social das populações da região, de modo que, diante dos limites impostos pela Natureza, procuravam engenhosamente elaborar estratégias visando garantir sua subsistência com base nas possibilidades oferecidas pelos recursos naturais disponíveis neste espaço de interação. Partindo desta premissa, dialogamos com os argumentos de Worster (op. cit.:10-11) a respeito de que em todo e qualquer lugar o mundo natural oferece aos humanos que ali vivem um conjunto flexível, porém limitado, de possibilidades para se manterem vivos. E por mais estreitas que sejam estas possibilidades, elas são produto tanto da tecnologia quanto da Natureza. A tecnologia sendo entendida aqui como a aplicação de habilidades e conhecimentos à exploração do ambiente.

Um dos exemplos esboçados na obra de Worster diz respeito à indagação acerca do modo como se construiu na região árida e semiárida dos Estados Unidos uma sociedade de abundância. Parafraçando este autor que se debruçou na construção de uma história socioambiental da irrigação de vastos setores áridos do Oeste estadunidense, José Augusto Drummond (1991:11) afirma que a criação de uma sociedade próspera naquela região se deveu à manipulação técnica e política da água, elemento natural escasso naquela paisagem, para produzir uma agricultura altamente capitalizada. Esse controle da água foi possível porque os fazendeiros ricos do Oeste americano conseguiram que a sociedade nacional financiasse manobras hidráulicas de alto custo, investindo em tecnologias capazes de transportar a água de origens distantes, sob a forma de abastecimento urbano, de irrigação ou de energia, em direção a cidades, indústrias e plantações que necessitavam deste recurso. Dito de outra maneira, Drummond demonstra que, na visão de Worster, na região de fronteira do Oeste dos Estados Unidos se assentou um poderoso aparato estatal para lidar com a aridez e, graças a esses esforços governamentais de alteração do ambiente, floresceu uma sociedade cujas experiências, embora fossem fortemente influenciadas pelas condições naturais, desenvolveu um repertório técnico-científico que lhe propiciou superar tais restrições.

Nesta visão, realçamos que a adaptação de uma sociedade a determinado ambiente não depende da percepção de que ela possui recursos naturais abundantes que podem gerar riquezas, mas da forma como cada cultura e configuração sócio-política

cria/elabora/estabelece saberes, técnicas e formas de interagir, modificar e se adaptar a esse ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, foi possível analisar as potencialidades que as obras literárias apresentam no que diz respeito aos estudos sobre o imaginário das sociedades em relação ao ambiente natural. Percebemos que a literatura apresenta singularidades e detalhes a respeito das inter-relações históricas entre cultura e Natureza que talvez outras fontes tradicionais não nos permitissem captar, como é o caso do modo como a família de Fabiano vivenciou cotidianamente os períodos de chuvas e de estiagens em uma região do interior do Semiárido brasileiro.

Ao estudarmos fenômenos naturais do Semiárido, como as estiagens, as chuvas, os animais, etc., foi possível perceber que Natureza e cultura mantiveram uma relação de simbiose na configuração desta sociedade, de modo que a variável ambiental torna-se um fator fundamental para uma melhor compreensão da história da região, embora tenha sido, por vezes, deixada de lado por parte de alguns estudiosos, ou, em outro extremo, supervalorizada como se atuasse de forma determinística no interior desta configuração socioambiental.

As considerações apresentadas ao longo deste artigo levaram-nos a perceber o quanto a vida das populações do Semiárido foi historicamente afetada pela Natureza, aspecto que nos instiga a superar certas visões dualistas que se remetem meramente a analisar a influência do ambiente sobre as sociedades ou, inversamente, o modo pelo qual estas destroem aquele, como se as atitudes do homem em relação ao mundo natural se limitassem apenas às práticas de devastação. Tal visão restrita e unilateral ignora, por assim dizer, a multiplicidade de práticas culturais elaboradas ao longo do tempo no que diz respeito à interação do homem com o mundo natural que não consistiram apenas na devastação, apenas para evocar as sugestões de Simon Schama explicitadas na introdução a este trabalho.

Neste sentido, ao incorporarmos variáveis ambientais à presente análise, procuramos detectar o modo como as dimensões ambiente e sociedade interagiram criativa e dialeticamente na construção do devir histórico. Esse ponto de vista está em consonância com Pádua (2010), o qual ressalta que o grande desafio teórico, na contemporaneidade, é pensar o

ser humano na totalidade tensa e complexa de suas dimensões biológica e sociocultural; reconhecer o homem enquanto um sujeito produtor de cultura, mas também valorizar seu lado elementar de ser biológico sensível às forças da Natureza e não enquanto imune ao meio biofísico, conforme certa historiografia por longo tempo o desvinculou do ambiente concreto no qual se desenvolveram as suas ações. Em síntese, é necessário repensar os laços entre Natureza e sociedade com o intuito de contribuir para a construção da mais premente e necessária percepção da unidade viva entre sistemas naturais e humanos.

Esta pesquisa demonstrou que a Natureza está presente de tal modo na história que é capaz de renovar sentimentos, sonhos e expectativas na vida do homem, dependendo da significação que as manifestações naturais recebam em determinado contexto de historicidade e a literatura é um dos instrumentos que sintetizam, traduzem e codificam, minuciosamente, as singularidades destes momentos históricos.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo, 2003.

ARANHA, Gervácio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)**. Campina Grande, PB: EDUFPG, 2006. (coleção Outras Histórias, n. 2).

ARRUDA, Gilmar. Rios e governos no Estado do Paraná: pontes, “força hidráulica” e a era das barragens (1853-1940). In: **Revista Varia História**. Belo Horizonte, MG. v. 24, n. 39, jan./jun. 2008. P. 153-175.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi: Antropus-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985. (Vol. 5).

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: EDUSP; Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2006.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução de Guy Reynaud. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982. (Coleção rumos da cultura moderna; v. 52).

DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991. p. 177-197.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PAUL

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício.** Trad. de Rosa Freire de Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. José de Alencar e os Rio-grandenses: Imaginário e Representações no Romance *O Gaúcho*. In: GRUNER, Clóvis; DENIPOTI, Cláudio. (Orgs.) **Nas tramas da ficção: História, Literatura e Leitura.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: **Enciclopédia Einaudi.** Lisboa, INCM, 1984.

_____. Documento/Monumento. In: **História e Memória.** Tradução de Bernardo Leitão et. alli. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1994.

MARTINS, Marcos Lobato. **História e meio-ambiente.** São Paulo: Faculdades Pedro Leopoldo, 1997.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP.** Tradução Yara Aun Khoury. São Paulo, SP: Educ, 1981. p. 7-28.

PÁDUA, José Augusto. **Desenvolvimento, justiça e meio ambiente.** Belo Horizonte, MG: UFMG, 2009.

_____. As bases teóricas da história ambiental. In: **Estudos avançados.** n. 24 (68), 2010.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas.** 70. Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1995.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. **Florestas anãs do sertão: o cerrado na história de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SCARPELLI, Marli Fantini. Meio ambiente e literatura. In: **Revista Aletria.** v. 15, jan.-jun., 2007. p.188-204. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória.** Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das letras, 1996.

SOFFIATI, Arthur. Algumas palavras sobre uma teoria da eco-história. In: **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente.** Editora UFPR, n. 18, jul./dez., 2008. p. 13-26.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991. p. 198-215.